

prólogo | UM ENTRE MUITOS

Íamos lá sempre que precisávamos. Íamos lá quando tínhamos sede, claro, quando tínhamos fome e quando estávamos mortalmente cansados. Íamos lá celebrar quando estávamos felizes e curtir as mágoas quando estávamos tristes. Íamos lá depois dos casamentos e dos funerais em busca de algo que nos acalmasse os nervos e antes em busca de coragem. Íamos lá quando não sabíamos o que queríamos, esperando que alguém nos dissesse. Íamos lá quando andávamos à procura de amor, de sexo, de sarilhos ou de alguém que tivesse desaparecido porque toda a gente aparecia lá mais cedo ou mais tarde. Acima de tudo, íamos lá quando queríamos ser encontrados.

A minha lista pessoal de necessidades era longa. Filho único, abandonado pelo meu pai, precisava de uma família, de um lar, de homens. Principalmente de homens. Precisava de meritores, heróis e modelos para compensar a minha mãe, a minha avó, a minha tia e as minhas cinco primas com quem vivia. O bar deu-me todos os homens de que necessitava e mais um ou dois de que não necessitava.

Muito antes de poder beber legalmente, o bar já me tinha salvado, restituindo-me a fê na infância, tomando conta de mim na adolescência, abraçando-me ao chegar à idade adulta. Apesar de saber que somos atraídos por aquilo que nos abandona, acredito

que ficamos marcados por aquilo que nos aceita. Naturalmente, aceitei imediatamente o bar, até que o bar, uma noite, me virou as costas e naquele abandono final o bar salvou-me a vida.

Desde o começo dos tempos, ou desde o fim da Lei Seca, o que era a mesma coisa, que havia na minha cidade natal — Manhasset, Long Island, cidade onde se bebia muito — um bar naquela esquina. Nos anos 30 era local de passagem das estrelas de cinema a caminho dos clubes náuticos próximos e dos locais de veraneio dispendiosos. Nos anos 40 era o porto de abrigo dos soldados que regressavam da guerra. Nos anos 50 era o pouso dos *toddyboys* e das suas namoradas de saias armadas. No entanto, só se transformou num marco, num pedaço de terreno sagrado quando Steve, nos anos 70, o comprou e lhe deu o nome de Dickens, pendurando por cima da porta uma silhueta do grande escritor e por baixo a palavra em inglês antigo: **DICKENS**.

Uma tal manifestação de anglofilia não se coadunava com os Kevin Flynn e Michael Gallagher de Manhasset, que a deixaram passar porque aprovavam a Regra Principal de Steve: as terceiras bebidas eram de graça. Também ajudou o facto de Steve ter contratado sete ou oito membros do clã O'Malley para servir às mesas e de ter feito com que o Dickens parecesse saído, tijolo a tijolo, de County Donegal¹.

Steve queria que o seu bar se parecesse com um bar europeu, mas que, ao mesmo tempo, fosse requintadamente americano, genuíno. No coração de Manhasset, um subúrbio pacífico de oito mil pessoas, cem quilómetros a sudeste de Manhattan, Steve queria criar um santuário onde os seus vizinhos, amigos, companheiros da bebida e especialmente os seus amigos de liceu, de regresso do Vietname, se sentissem seguros, em casa. Steve era muito optimista — a confiança era a mais atractiva das suas qualidades e o seu defeito mais trágico —, mas com o Dickens ultrapassou todas as expectativas. A cidade de Manhasset passou rapidamente a ver o bar de Steve como o bar. Tal como dizíamos City quando nos referíamos a New York City e Street quando nos referíamos a Wall Street, também

¹ Condado irlandês. (NT)

dizíamos, com presunção, O Bar e não havia qualquer confusão quanto ao estabelecimento a que nos referíamos. Então, imperceptivelmente, o Dickens transformou-se em algo mais do que O Bar, transformou-se n'O Lugar, o abrigo preferido contra as tempestades da vida. Em 1979, quando o reactor nuclear de Three Mile Island se desfez e o terror do apocalipse se apoderou do Nordeste, muitos habitantes de Manhasset telefonaram a Steve para reservar um lugar na cave por baixo do bar. Evidentemente, todos tinham cave em suas casas, mas o Dickens era especial. As pessoas pensavam sempre nele quando sentiam que o dia do Juízo Final estava próximo.

Juntamente com a noção de protecção, Steve disponibilizava todas as noites lições sobre a democracia, ou sobre os excessos do álcool. De pé no meio da sala, era possível observar homens e mulheres de todos os estratos sociais a cultivar o espírito ou a maltratar-se uns aos outros. Tanto se podia ouvir o homem mais pobre da cidade a discutir a «volatilidade do mercado» com o presidente da Bolsa de Valores de Nova Iorque, como o bibliotecário local a dizer a um membro da Galeria dos Famosos dos Yankees de Nova Iorque onde devia meter o bastão. Tanto se podia ouvir um varredor meio atrasado a dizer uma coisa qualquer invulgar, mas sábia, tão sábia que um professor de Filosofia era capaz de a escrever num guardanapo, metendo-o a seguir na algibeira, como ouvir os empregados de bar — entre apostas e preparações de Pink Squirrels — a falar como reis da Filosofia.

Steve achava que o bar da esquina era o mais igualitário de todos os locais de reunião americanos e sabia que os americanos veneravam os seus bares, *saloons*, tabernas e «gin mills»², uma das suas expressões favoritas. Steve sabia que os americanos têm um carinho especial pelos seus bares e que se viram para eles em busca de *glamour*, de auxílio e, acima de tudo, de remédio para o flagelo da vida moderna — a solidão. Steve não sabia que os Puritanos, assim que desembarcaram no Novo Mundo, construíram um bar antes mesmo de construírem uma igreja; não sabia que os bares americanos descendiam directamente das estalagens medievais dos

² Literalmente «fábricas de gin». (NT)

Contos de Cantuária de Chaucer, que por sua vez descendiam das cervejarias saxónicas, as quais, por sua vez, descendiam das *tabernae* ao longo das estradas da antiga Roma. O bar de Steve descendia directamente das cavernas pintadas da Europa Ocidental, onde os anciãos da Idade da Pedra iniciavam os rapazes e as raparigas há quase quinze mil anos. Apesar de não saber tais coisas, Steve sentia-as no sangue e dava-lhes força de lei em tudo o que fazia; mais do que muitos homens, sabia que certos lugares eram importantes e com base neste princípio foi capaz de construir um bar estranho, sensato, amado, maravilhosamente em consonância com os seus clientes, de tal modo que se tornou conhecido para lá de Manhasset.

A minha cidade natal era famosa por duas coisas — lacrosse e álcool. Ano sim, ano não, Manhasset produzia um número desproporcionado de soberbos jogadores de lacrosse e um ainda maior de fígados dilatados. Algumas pessoas viam Manhasset como o cenário de *O Grande Gatsby*. Enquanto compunha a sua obra-prima, F. Scott Fitzgerald sentava-se à fresca numa varanda em Great Neck e olhava para a nossa cidade através da Manhasset Bay, dando-lhe o nome fictício de East Egg, uma distinção histórica que dava ao nosso *bowling* e à nossa pizaria uma certa grandeza arqueológica. Nós percorríamos diariamente o cenário abandonado por Fitzgerald; imaginávamos romances entre as suas ruínas; era fantástico — uma honra. Porém, tal como o bar de Steve, não passava de um prolongamento do famoso gosto de Manhasset pela bebida. Qualquer pessoa familiarizada com Manhasset percebia a razão da presença do álcool no livro de Fitzgerald, do mesmo modo que achava normal uma planície alagada pelo Mississipi. Homens e mulheres em festas barulhentas, bebendo até cair ou atropelando alguém? A nós, parecia-nos uma típica noite de quinta-feira em Manhasset.

Manhasset, local da maior loja de bebidas do Estado de Nova Iorque, era a única cidade de Long Island que tinha um *cocktail* com o seu nome (um Manhasset é um Manhattan com mais álcool). A rua mais comprida da cidade, Plandome Road, com oitocentos metros de comprimento, era o sonho de todos os amantes da bebida

— bares, uns a seguir aos outros. Muitos, em Manhasset, comparavam Plandome Road a uma mítica estrada de província na Irlanda, uma procissão vacilante de homens e mulheres atafalhados de uísque, felizes. Os bares, na Plandome Road, eram tantos como as estrelas no Passeio da Fama de Hollywood e nós orgulhávarmo-nos teimosa e excentricamente deles. Quando um homem deitou fogo ao seu bar, na Plandome Road, para receber o prémio do seguro, os polícias encontraram-no noutra bar da mesma rua e disseram-lhe que iam levá-lo para a esquadra para o interrogar. O homem colocou uma mão sobre o coração, como um padre acusado de queimar uma cruz: «Era lá eu capaz», disse ele, «era lá alguêrn capaz de *deitar fogo a um bar?*»

Com a sua curiosa divisão entre classe rica e classe trabalhadora, com a sua mistura étnica de irlandeses e italianos e com algumas das mais ricas e snobes famílias dos Estados Unidos, Manhasset procurava permanentemente uma definição de si própria, era uma cidade onde as crianças da rua se juntavam no Memorial Field para jogar «bicycle polo»³, onde os vizinhos se escondiam uns dos outros por trás das respectivas sebes, atentos, no entanto, às histórias e defeitos uns dos outros e onde toda a gente partia ao nascer do Sol para Manhattan de comboio, mas nunca para sempre, excepto quando iam num caixão de pinho. Apesar de parecer uma pequena comunidade rural e de os agentes imobiliários lhe chamarem um dormitório, nós agarrávamo-nos à noção de que Manhasset era uma comunidade de bares. Os bares proporcionavam-nos identidade e pontos de referência. A Little League, a Softball League, a Bowling League e a Junior League reuniam-se no bar de Steve e, muitas vezes, na mesma noite.

Brass Pony, Gay Dome, Lamplight, Kilmeade's, Joan e Ed's, Popping Cork, 1680 House, Jaunting Car, The Scratch — os nomes dos bares de Manhasset eram-nos mais familiares do que as ruas principais e as famílias que tinham fundado a cidade. O tempo de vida dos bares era como uma dinastia: medíamos o tempo por ele e encontrávamos consolo na certeza de que, quando um fechava,

³ «Pólo de bicicleta». (NT)

abria logo outro. A minha avó dizia-me que Manhasset era um daqueles lugares onde a ideia de que beber em casa era sinónimo, de alcoolismo e era um facto. Desde que se bebesse em público, não se era alcoólico. Daí os bares. Montes deles.

Evidentemente, muitos bares de Manhasset, como noutro sítio qualquer, eram lugares de má fama, sempre cheios de bêbedos com pena de si próprios. Steve queria que o seu bar fosse diferente, que fosse sublime, projectava um bar que fosse capaz de acolher as múltiplas personalidades de Manhasset, ora aconchegado, ora louco, um restaurante familiar às primeiras horas do serão e uma taberna pela noite fora, onde homens e mulheres pudessem dizer mentiras e beber até cair. Para Steve, era essencial que o Dickens fosse o oposto do mundo exterior: frio nos dias tórridos de Verão e quente desde os primeiros nevões até à Primavera. O seu bar estaria sempre limpo e bem iluminado, como o lar da tal família perfeita que não existe nem nunca existiu, mas que todos nós acalentamos. No Dickens, todos se sentiriam especiais, mas ninguém sobressairia. Uma das histórias sobre o bar de Steve de que mais gosto é a de um homem que lá foi ter depois de ter fugido de um hospital psiquiátrico. Ninguém olhou de soslaio para ele. Ninguém lhe perguntou quem era, ou por que razão estava de pijama, ou qual a razão do brilho feroz do seu olhar. O pessoal, muito simplesmente, recebeu-o de braços abertos, contou-lhe histórias engraçadas e pagou-lhe bebidas durante o dia todo. Finalmente, pediram-lhe para sair porque, sem razão aparente, o homem baixou as calças. Mesmo assim, o empregado do bar limitou-se a repreendê-lo, usando a sua linguagem standartizada: «Então — não pode fazer *isso*!»

Tal como os casos amorosos, os bares dependem de uma delicada mistura de ocasião, química, ambiente, sorte e — talvez acima de tudo — generosidade. Steve declarou, logo ao princípio, que ninguém se sentiria menosprezado no Dickens. Os seus hambúrgueres teriam sete centímetros e meio de espessura, a hora de encerramento seria sempre negociável por mais que a lei dissesse e os empregados de bar providenciariam sempre uma bebida de bónus e grande. Uma bebida normal no Dickens seria dupla noutro bar qualquer. Uma dupla deixaria o cliente de olhos tortos.

Uma tripla seria «um desastre total», segundo o irmão mais novo da minha mãe, o meu Tio Charlie, o primeiro empregado de bar contratado por Steve.

Verdadeiro filho de Manhasset, Steve acreditava no álcool. Tudo o que era devia-o ao álcool. O pai, um distribuidor da Heineken, deixara-lhe uma pequena fortuna ao morrer. A filha recebera o nome de Brandy, o barco de recreio o de *Dipsomania* e o rosto, após anos de bebida homérica, tinha um tom característico escarlate. Steve via-se a si próprio como o Pied Piper⁴ do Álcool, tal como os bêbedos de Manhasset. Ao longo dos anos conseguiu uma legião de devotos fanáticos. O Culto de Steve.

Toda a gente tem um lugar sagrado, um refúgio, onde os corações são mais puros, as mentes mais claras, onde se sente mais perto de Deus, do amor, da verdade ou daquilo que adora. Para o melhor e para o pior, o meu lugar sagrado era o bar de Steve, mais sagrado ainda por tê-lo descoberto na juventude. A sua imagem estava envolta naquela aura especial que as crianças dão aos lugares onde se sentem seguras. Outros poderão sentir o mesmo por uma sala de aula, um recreio, um teatro, uma igreja, um laboratório, uma livraria, um estádio ou até uma casa. Eu, porém, não. Geralmente, damos mais valor àquilo que temos à mão. Se tivesse crescido à beira-rio, ou à beira-mar, ou num belo lugar natural, talvez o tivesse transformado num mito, mas cresci a 142 passos de uma gloriosa taberna americana, o que fez toda a diferença.

Não passei o tempo todo no bar. Saí para o mundo, trabalhei, cometi erros, apaixonei-me, fiz disparates, tive desgostos de amor e fui posto à prova, mas por causa do bar de Steve cada passagem ficou ligada à anterior e à seguinte, o mesmo acontecendo com todas as pessoas que conheci. Durante os meus primeiros vinte e cinco anos de vida, as pessoas que eu conhecia mandavam-me para o bar, conduziam-me ao bar, acompanhavam-me ao bar, salvavam-me para o bar ou estavam no bar quando eu chegava, como se estivessem à minha espera desde o dia do meu nascimento. Deste último grupo faziam parte Steve e a malta.

⁴ O flautista de Hamelyn. (NT)

Costumava dizer que tinha encontrado os pais de que necessitava no bar de Steve, mas não era totalmente exacto. A determinada altura, o bar passou a ser o meu pai com as dúzias de homens transformados num enorme olho masculino a olhar por cima do ombro, fornecendo a alternativa necessária à minha mãe, contrapondo esse cromossoma Y ao seu cromossoma X. A minha mãe não sabia que competia com os homens do bar e os homens do bar não sabiam que competiam com ela, acreditavam que estavam na mesma página porque partilhavam o ideal antigo de masculinidade. Tanto a minha mãe como os homens acreditavam que ser um homem bom era uma arte e que ser um homem mau era uma tragédia, para o mundo e para os que dependiam dele. Apesar de ter sido a minha mãe a inculcar-me a ideia, foi no bar de Steve que a vi demonstrada diariamente. O bar de Steve atraía toda a espécie de mulheres, um conjunto assombroso, mas como rapaz eu reparava apenas na incrível variedade de homens bons e maus. Vagueando livremente por entre aquela fraternidade de alfas pouco provável, escutando as histórias dos soldados, jogadores de futebol, poetas, polícias, milionários, corretores, actores e escroques que se encostavam todas as noites ao balcão do bar de Steve, ouvia-os dizer vezes sem conta que as diferenças entre eles eram grandes, mas que as razões pelas quais se tinham tornado tão diferentes eram pequenas.

Eu aprendia sempre qualquer coisa com todos os homens que apareciam no bar de Steve — uma lição, um gesto, uma história, alguma filosofia, uma atitude; era um mestre do «roubo de identidade», quando tal crime era mais benigno. Tornei-me tão sarcástico como Cager, tão melodramático como o Tio Charlie e tão desordeiro como Joey D. Esforçava-me por ser tão sólido como Bob, o Policia⁵, tão frio como Colt e por racionalizar a minha raiva, dizendo a mim próprio que não era pior do que a de Smelly⁶, que era justa. Finalmente, apliquei o mimetismo que aprendia no Dickens aos que encontrava no exterior do bar: amigos, amantes, parentes,

⁵ Bob, the Cop. (NT)

⁶ Malcheiroso. (NT)

patrões e até estranhos. O bar fomentou em mim o hábito de transformar cada pessoa que se cruzava no meu caminho num mentor, numa personagem, tornando-me um reflexo ou uma refração de todas elas e agradeci-lhe, ao mesmo tempo que o culpava.

Todos os clientes regulares do bar de Steve gostavam de metáforas. Um velho *habitué* de *bourbon* disse-me que a vida de um homem é uma sucessão de montanhas e de grutas — montanhas que temos de escalar e grutas onde gostamos de nos esconder quando não conseguimos enfrentar as montanhas. Para mim, o bar era ambas as coisas, a mais luxuriante das grutas e a mais perigosa das montanhas, e os seus homens, apesar de homens das cavernas em potência, eram os meus Sherpas. Adorava-os e acho que eles o sabiam. Apesar de terem passado por tudo — guerra, amor, fama, desgraça, riqueza e ruína —, creio que nunca tinham tido um rapaz a olhar para eles com olhos tão brilhantes e veneradores. Para eles, a minha devoção era algo de novo e creio que fez com que me amassem à sua maneira, razão pela qual me raptaram quando eu tinha onze anos. Ainda hoje consigo ouvir as suas vozes: «*Eh lá, miúdo, mais devagar.*»

Steve gostaria que eu dissesse o seguinte: apaixonei-me pelo bar e o sentimento foi recíproco. Este romance influenciou todos os outros. Durante a infância, no Dickens, decidi que a vida é uma sequência de romances, cada um deles uma resposta a um anterior. No entanto, não passava de um entre muitos românticos no bar de Steve a chegar a tal conclusão, os quais acreditavam nesta reacção de amor em cadeia. Foi esta crença, tanto quanto o bar, que nos uniu e é por essa razão que a minha história é apenas um dos elos da cadeia das nossas histórias de amor.